



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Conto Português. Séculos XIX-XXI. Antologia Crítica I', de Maria Isabel & Serafina Martins Rocheta; 'Conto Português. Séculos XIX-XXI. Antologia Crítica II', de Maria Isabel & Serafina Martins Rocheta]

Miguel Real

Para citar este documento / To cite this document:

Miguel Real, "[Recensão crítica a 'Conto Português. Séculos XIX-XXI. Antologia Crítica I', de Maria Isabel & Serafina Martins Rocheta; 'Conto Português. Séculos XIX-XXI. Antologia Crítica II', de Maria Isabel & Serafina Martins Rocheta]", *Colóquio/Letras*, n.º 176, Jan. 2011, p. 234-236.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

acabasse por situar-se entre o anódino e o incidental. No fundo, é menos o acto poético como fingimento do que uma procura de certas contiguidades entre as palavras e o real, a documentarem situações vividas quase como «reportagens» ou relatos do dia-a-dia, muitas vezes ironicamente enunciadas como irrelevantes, ou quase.

Esta é, evidentemente, uma poesia «de mulher» devidamente formulada no feminino, mas parece-me pelo menos duvidoso que se lhe possa chamar «feminista», pese embora uma certa fixação em figuras reais ou ficcionadas, como as de Sylvia Plath, Anna Karenina, Christina Rossetti, Virginia Woolf, Frida Kahlo ou Emily Dickinson, tratadas até com certa ironia na sua própria caracterização depressiva.

O volume, que abre com uma «Glosa da Nau Catrineta», poesia entendida ainda como palavra no silêncio, regista os ecos de um drama não partilhado e secreto («Somos as irmãs que vêem / com um só olho de auguro / que as nossas agulhas têm / o passado e o futuro») e conclui com «Ainda meu amor me alui, friável carapaça», dando para qualquer coisa de semelhante a um manifesto bem escandido na linha de «Declaração de Intenções», não representa nem uma redenção nem uma *vendetta* poética, mas a passagem da dor privada ao horizonte afectivo e amoroso que o vem selar: «preciso de ti meu amor nesta solidão neste desamparo / de cortinas espessas que impedem o sol que me impedem / de voar».

Margarida Vale de Gato conduz o leitor pela mão através dos seus infernos e dos seus purgatórios laicos, iluminados pela vontade de dizer, de nomear as coisas para assumir a consciente responsabilidade de lhes fazer frente e de lhes reconhecer o peso. Recorde-se a já citada «Declaração de Intenções»:

[...] versos
são uma disciplina que macera
o corpo e exaspera quanto toco.

Fazer poesia é árido cilício,
Mesmo que ateie o sangue, apenas pus
Se extrai, nem nunca pela escrita

Um sólido balança, ou se levita.
Então sobre o poema, o artifício,
A borra baça, a mim a extrema luz.

Em Margarida Vale de Gato, a poesia é gesto do corpo e da mente; é uma escolha e uma hipótese meditada de sobrevivência futura.

Maria Boichichio

FICÇÃO

CONTO PORTUGUÊS SÉCULOS XIX — XXI

ANTOLOGIA CRÍTICA

2 vols.

Coordenação de Maria Isabel Rocheta
e Serafina Martins

Porto, Edições Caixotim /2003, 2009

O projecto «Conto Português. Séculos XIX — XXI. Antologia Crítica», em vários volumes, coordenado por Maria Isabel Rocheta e Serafina Martins, professoras da Faculdade de Letras de Lisboa, possuidoras de uma obra firmada no campo dos estudos literários, veio iluminar com uma perspectiva nova, tanto biográfica quanto temática, quando, ainda, analítica, as diversas antologias do conto português existentes no mercado.

De facto, do ponto de vista organizativo, não só não existe nenhuma antologia do conto português segundo os critérios apresentados pelas duas coordenado-

ras (cf. «Apresentação», vol. I, p. 11-2), como nenhuma, igualmente, se destina expressamente a um público estudioso. É justamente neste sentido que ganha relevo o vocábulo qualificador das antologias — «crítica» — presente como subtítulo, distinguindo-as das antologias normalizadas para consumo e prazer de leitores, oferecendo-se como alternativa.

Deste modo, os dois volumes já publicados sob coordenação de Maria Isabel Rocheta e Serafina Martins diferenciam-se em absoluto tanto do projecto de Guilherme de Castilho e João Pedro de Andrade, *Os Melhores Contos Portugueses*, em três volumes, publicados na Portugalá Editora ao longo da década de 1950 — porventura a mais importante antologia do conto português editada no século XX —, quanto da antologia organizada por Vasco Graça Moura no nosso século, *Os Melhores Contos e Novelas Portugueses*, igualmente em três volumes, publicados na Selecções Readers Digest em 2003, indubitavelmente a mais completa antologia publicada até hoje destinada a um leitor comum e tendo em conta, entre os critérios apresentados pelo antologador, o seu «gosto literário pessoal» (vol. I, p. 6), que, porque esteticamente educado e refinado, se confunde, em grande parte, com o gosto canónico da história da literatura ou por este é fortemente alimentado.

O critério geral de Maria Isabel Rocheta e Serafina Martins, no campo da historiografia das antologias do conto, apresenta-se radicalmente diferente e, de certo modo, profundamente inovador. As coordenadoras não escolheram os escritores ou os contos antologados — processo metodológico habitual; de outro modo, optaram por seleccionar os analistas ou «críticos», dando a estes total liberdade de escolha dos autores e dos seus contos. Neste sentido, o privilégio majestático atribuído tradicionalmente aos antolo-

giadores foi repartido com os «críticos» convidados, professores universitários na sua totalidade.

Segundo este desiderato, realizado no corpo das antologias, o projecto de Maria Isabel Rocheta e Serafina Martins, diferenciando-se de outros, estatui-se como *mediador* entre a erudição académica e o leitor comum, cruzando o usufruto da leitura (destino último das restantes antologias) com a iluminação do conhecimento historiográfico literário. De facto, é este o *quid* específico das duas antologias, projectando-as como valioso recurso estético-didáctico no âmbito do universo do ensino secundário e dos Leitorados do Instituto Camões. De certo modo, uma das autoras, Maria Isabel Rocheta, em co-autoria com Margarida Braga Neves, tinha já trabalhado o tema do conto como coordenadora do livro *O Domínio do Instável. A Jacinto do Prado Coelho* (Porto, Edições Caixotim, 2008).

Neste sentido, a opção das organizadores revelou-se notável. Partindo do núcleo estrito dos professores do Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras de Lisboa e do CLEPUL — Centro de Literatura de Expressão Portuguesa (Annabela Rita, Ernesto Rodrigues, Maria Isabel Rocheta, Serafina Martins e Teresa Martins Marques), o projecto foi estendido à Universidade Nova de Lisboa (Clara Rocha), à Universidade de Aveiro (António Manuel Ferreira), à Universidade de Coimbra (José Augusto Cardoso Bernardes) e ao Brasil (Patrícia Cardoso, Universidade Federal do Paraná), compondo assim «um leque alargado de possibilidades» de interpretação metodológica e analítica dos contos seleccionados.

Compostas a partir de uma pluralidade de metodologias de abordagem, o estatuto das duas antologias como ponte entre a especiosidade da análise e a vulgarização da leitura apresenta, de certo modo, como

denominador comum uma análise vinculada a um cunho historiográfico realista, com excepção dos textos críticos de Gonçalo Cordeiro relativo ao conto «O Canto da Sereia», de Júlio Dinis, e o de Ernesto Rodrigues relativo ao conto «A Dama Pé de Cabra», de Alexandre Herculano, ambos veiculando uma tendência mais formal. A abordagem crítica vinculada à historiografia literária e à metodologia realista e historicista (detecção de pontes de fidelidade com a realidade biográfica, histórica, social e ideológica de cada autor, bem como integração da sua obra na historiografia literária) evidencia-se como uma qualidade não despreciada das duas antologias, permitindo o seu uso em circunstância de sala de aula tanto no ensino secundário quanto no universitário. Neste sentido, para além de todos os textos críticos procederem à integração dos autores e dos contos seleccionados na história da literatura portuguesa, destaca-se o já habitual uso da primeira pessoa na prática da crítica literária de Annabela Rita, tanto em «José Matias», de Eça de Queirós, quanto em «Cidades», de Teolinda Gersão; a análise temática de «Civilização», de Eça, por Maria Isabel Rocheta, e a aplicação das categorias tradicionais do conto em «Leão Velho», de Lídia Jorge; a integração do conto «Saudades para a Dona Genciana», de José Rodrigues Miguéis, na vida e obra do autor, por Teresa Martins Marques, bem como a análise temática do «ciúme» no conto «O Vestido Cor de Fogo», de José Régio; a tendência historicista presente nas análises de Serafina Martins, tanto em «Diálogo com Uma Águia», de António Patrício, quanto em «A Tentação do Sátiro», de Aquilino Ribeiro, substituída por uma análise mais temática em «O Recolhimento», de Maria Ondina Braga; a prática habitual da decomposição analítica (espaço, tempo, acção diegética, certo privilégio atribuído

à análise semântica do texto) de Margarida Braga Neves em «Vera e o Acidente», de David Mourão-Ferreira; a complexidade bibliográfica erudita de Ernesto Rodrigues na análise de «O Conde Jano», de Mário de Carvalho, e de «A Dama Pé de Cabra», de Alexandre Herculano, gerando uma leitura composta por 13 pares analíticos, de certo modo semelhante aos pares categoriais por que Jorge de Sena exercia a crítica literária.

Precioso como recurso tanto lúdico quanto didáctico, a publicação das duas antologias marcará doravante, de um modo definitivo, a historiografia do conto em língua portuguesa, género literário que sofre actualmente uma profundíssima revolução com a recente emergência de uma geração posterior à de Luísa Costa Gomes, a grande renovadora do conto português nos finais do século xx, de que se enunciam, como exemplo, os nomes de Afonso Cruz, Maria Antonieta Preto, David Machado, Pedro Medina Ribeiro e Rui Herbon. Singrando um caminho paralelo, deveras original, António Vieira afirma-se, porventura, como o melhor contista português vivo.

Miguel Real

Maria Isabel Barreno
CORREDORES SECRETOS
SEGUIDO DE MOTES E GLOSAS

Porto, Sextante Editora / 2010

Talvez convenha lembrar que Maria Isabel Barreno se revelou em 1968 com o romance *De Noite as Árvores São Negras* e que, desde então, tem publicado quer romances quer livros de contos (como é o caso deste volume) que, no seu conjunto, formam um todo bastante coerente, quer a nível temático quer a nível da linguagem narrativa, com o resto da obra. Esse pri-